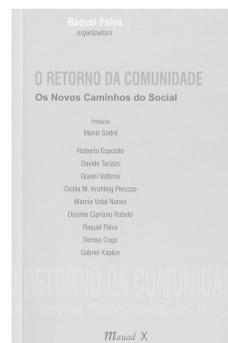


Comunidade: complexidade, aplicações e reelaborações

Marcelo de Oliveira Volpato*



PAIVA, Raquel (Org.). **O retorno da comunidade: os novos caminhos do social**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. 198p.

Atenta às tendências da atualidade, Raquel Paiva, uma das principais pesquisadoras sobre comunicação comunitária no Brasil, propõe coletânea com ímpar contribuição acerca dos significados e reelaborações do termo comunidade. A idéia que parecia esquecida em meio ao auge e à impetuosidade da globalização ressurgiu, agora, com veemência. Assinados por diversos pesquisadores, os textos fornecem pistas para a discussão do conceito de comunidade e, ainda, sua aplicabilidade na comunicação comunitária dos dias de hoje.

Dividido em três partes, o livro apresenta textos filosóficos sobre a complexidade do conceito comunidade, em *Epistemologia da comunidade*. Em *Comunicação aplicada*, pesquisadores discutem a aplicação do referido conceito na mídia contemporânea, apresentando experiências concretas de uma “*outra comunicação*”. Por fim, “*Mídia e comunidade*” agrupa reflexões sobre as reinterpretções da comunicação comunitária, ciência participativa na pesquisa em comunicação e desenvolvimento, sociedade civil e comunicação comunitária.

Em *Nihilismo e comunidade*, Roberto Esposito discute as relações entre os dois termos, deixando evidente que, para ele, são expressões que estão numa relação de oposição. O nihilismo é visto como

* Mestrando em Comunicação Social na Universidade Metodista de São Paulo.

“aquilo que se tornou impossível, ou exatamente impensável, a comunidade” (p. 17), enquanto que à comunidade confere-se a idéia de “abrigo contra a potência devastadora do nada doravante expansivo na sociedade moderna”. Na completude do niilismo, existe a ocasião para um novo pensamento da comunidade e não um obstáculo insuperável. Esposito aprofunda a discussão e explicita que comunidade não é um ente, nem um sujeito coletivo, nem um conjunto de sujeitos, mas a relação que não a faz mais ser sujeitos individuais. O nada não é a condição ou o êxito da comunidade e sim seu único modo de ser (p. 19).

Davide Tarizzo, em *Filósofos em comunidade. Nancy, Espósito, Agamben*, apresenta as reinterpretações sobre comunidade desses três pensadores. A obra de Nancy corresponde a uma aplicação rigorosa e sistemática da lógica do abandono de diversos campos de experiência e de diversos conceitos filosóficos, inclusive o da experiência. Espósito, por sua vez, apresenta a questão: “é ainda possível acreditar na política, é ainda possível uma filosofia política?”, enquanto para Tarizzo, a comunidade em Giorgio Agambem é algo que não dispõe de uma essência e de uma identidade própria. É ela composta de indivíduos sem identidade e sem essência.

Finalizando a parte um, Gianni Vattimo discute o belo como experiência comunitária. Trata-se de um “sentir-se ‘bem’ como nosso próximo na contemplação, ou ainda na apreciação de certos objetos”, não enquanto úteis ou bons ou verdadeiros, mas enquanto belos (p. 64). Para Gianni, o prazer provocado em nós pelo sentir-se parte da comunidade que aprecia uma obra é constitutivo de toda experiência estética.

Abrindo a parte dois, Cicilia Maria Krohling Peruzzo discute as contribuições das rádios comunitárias para o desenvolvimento social. Através de vários casos, mostra como a participação popular nos meios de comunicação promove processos educativos e, em consequência, o exercício da cidadania. As rádios comunitárias e demais veículos possuem potencial para contribuir com o avanço dos processos educativos tanto pelos conteúdos divulgados como pela participação dos cidadãos no planejamento, na gestão, na criação e na transmissão de mensagens. Desta forma, tornam-se espaço propício à educação não formal e informal. Afinal, os

meios comunitários “proporcionam o rompimento dos fluxos unilaterais de comunicação, uma vez que instituem processos capazes de converter receptores em emissores e vice-versa.” (p. 88).

O papel das rádios comunitárias no exercício da cidadania e na consolidação nos movimentos sociais é a investida de Márcia Vidal Nunes. Além de traçar panorama sobre as rádios comunitárias e os movimentos sociais, reflete sobre as relações desses veículos e a cidadania e a “geração de novas relações de poder, descentralizado e democratizado.” (p. 116). Para essa autora, o fazer rádio comunitária pode começar como um movimento social, crescer e se tornar um movimento social de massa que, por sua vez, pode se transformar em movimento político.

Desirée Cipriano Rabelo, recorrendo aos testemunhos de alunos da disciplina da Comunicação Comunitária da Universidade Federal do Espírito Santo, apresenta reflexões sobre os processos de ensino-aprendizagem observados na disciplina, no período de 2002 a 2004. Dentre as experiências vivenciadas, estão: vivência em grupo, conexão entre leitura da palavra e leitura do mundo, compreensão e vivência da multidisciplinaridade, de modo que para Desirée, “defrontar-se com questões tão urgentes trouxe para a sala de aula a discussão sobre as responsabilidades do Governo, da sociedade civil e, em particular, dos profissionais da comunicação.” (p.129).

A autora de *Espírito comum: comunidade, mídia e globalismo*, Raquel Paiva, inicia a parte três, apresentando reinterpretação da comunicação comunitária, ao traçar panorama sobre a comunicação comunitária na atualidade. Elege, ainda, “alguns dos pilares que consolidam ou justificam a perspectiva comunitária no campo comunicacional.” (p. 137).

Denise Cogo trata das perspectivas da ciência participativa no campo da comunicação, a partir da premissa de que repensar a pesquisa participante no campo da comunicação é

enfrentar-se com um tempo em que a produção de conhecimento científico comunicacional aparece desafiada por agendas sociais que resultam das profundas e aceleradas (re) configurações comunicacionais e midiáticas das sociedades contemporâneas. (p. 163).

Por fim, Gabriel Kaplún propõe ressignificação de palavras, como desenvolvimento, ciência, tecnologia, sociedade civil, projetos, redes, organizações não governamentais (ONGs) e planejamento, vez que, em sua visão, muitos desses termos têm-se tornado míticos, ao longo do tempo. Para empreender transformações em direção à democratização, é, então, imprescindível desmistificar, politizar novamente, repensar as idéias sobre tais palavras e, em meio a essas acepções e novos significados, repensar a comunicação.

As experiências relatadas na obra evidenciam que, através da comunicação comunitária, sentimentos como os de mobilização, de cooperação, de pertença e de proximidade parecem ressurgir. Talvez, desta forma, estejamos caminhando para uma reconfiguração ou reelaboração daquilo que se conceituou como comunidade, pois como Paiva¹ chama a atenção, é possível que comunidade e sociedade coexistam, “e a preponderância de uma ou outra seja o que caracteriza cada momento histórico.”

Assim, para atores sociais excluídos e, em meio à impetuosidade da globalização, as comunas culturais parecem ser a principal alternativa: “quando o mundo se torna grande demais para ser controlado, os atores sociais passam a ter como objetivo fazê-lo retornar ao tamanho compatível com o que podem conceber”².

Muito mais do que um apanhado de textos acadêmicos, rebuscados e eruditos, como até gostariam alguns pesquisadores, esta coletânea, não deixando de lado o rigor metodológico e acadêmico, é um convite à nova organização social, em que a dialogicidade, a igualdade e a cidadania prevaleçam, e onde exista espaço para o desenvolvimento de uma outra comunicação.

1 PAIVA, R. **O espírito comum**: comunidades, mídia e globalismo. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2003, p. 71

2 CASTELLS, M. **O poder da identidade**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 2, p. 85.